

A FAVELA DO TIJUCO PRETO, O PCC E A SIMBIOSE COM O PENTECOSTALISMO¹.

Vagner Aparecido Marques²

“Mães angustiadas, filhos problemáticos,
famílias destruídas, fins de semana trágicos,
o sistema quer isso e a molecada vai ter que aprender”.

(Racionais Mc's, 1994)

“Que Deus me guarde,Pois eu sei,
Que ele não é neutro,
Vigia os rico,
Mas ama os que vem do gueto” .

(Racionais Mc's,2006)

Os trechos das músicas selecionadas apresentam a realidade de milhões de homens e mulheres que vivem à margem da pobreza na sociedade brasileira sob precárias condições de moradia e de vida, e que buscam através de diversos modos a superação das mazelas que os cercam cotidianamente.

Em uma conjuntura tão conturbada, onde não existem reais certezas de vida, jovens apresentam-se como “iscas fáceis” nos mares do crime. As suas práticas fazem parte do cenário social e do cotidiano das comunidades e favelas de São Paulo. A extrema desigualdade social, sustentada por profundos interesses políticos e econômicos apresenta consequências imediatas no dia a dia de milhares de homens e mulheres da favela do Tijuco Preto no extremo leste de São Paulo.

Não busco afirmar aqui que as razões imediatas das altas taxas de violência nos bairros pobres assentam-se exclusivamente na esfera da desigualdade, pois esta defesa acaba por maquiagem os diversos interesses políticos e econômicos existentes nas práticas de crimes (PERMAN, 1997), pretendo, no entanto, apresentar quais são e onde se manifestam tais interesses.

Esta afirmação, repetidamente utilizada na defesa dos pobres, mas que justifica a preferência, carregada de suspeitas prévias, que policiais têm pelos pobres, baseia-se no pressuposto utilitarista de que, movido pela necessidade, o homem agiria para sobreviver. Há uma redução da complexa argumentação para o prisma do *homo economicus*, comandado exclusivamente pela lógica mercantil do ganho e da necessidade material (ZALUAR, 2002, p.19).

A participação na “vida do crime” em muitos aspectos acaba por se tornar um refúgio para indivíduos que não são aceitos em uma sociedade altamente individualista, competitiva e preconceituosa, onde morar em favelas e em bairros pobres acaba por se tornar um sinônimo de marginalidade. Sobreviver nesta realidade é a luta diária travada por milhões de pessoas. E é justamente nesta realidade de luta e disputas que vamos mergulhar, e sob a ótica daqueles que dão vida a favela do Tijuco Preto no extremo leste de São Paulo: os próprios moradores.

Buscaremos decifrar os enigmas que norteiam as relações destes indivíduos, a participação do crime organizado (PCC) no interior do Tijuco Preto, as aproximações com as igrejas pentecostais, os prazeres e os desprazeres, a sociabilidade, a participação das igrejas pentecostais na dinâmica das relações cotidianas, o processo de conversão de integrantes do PCC ao pentecostalismo e as relações simbióticas entre igreja e o crime.

Breve História da Tijuco Preto

Segundo dados oferecidos pela Coordenação das Subprefeituras do município de São Paulo, o Bairro do Itaim Paulista é composto por uma área de 12,22 Km²³, com uma população estimada em 225 mil habitantes, sua densidade demográfica é equivalente a 19,5 Hab./KM⁴. Afastado do grande centro e negligenciado pelos poderes públicos, o bairro do Itaim Paulista, apresenta elevadas taxas de múltiplas manifestações de descaso público e violência.

Essas informações nos revelam um bairro com uma população significativamente elevada e que se espreme em uma pequena área de terra. Os moradores da favela do Tijuco Preto se apertam entre as vilas e os bairros que compõe o Itaim Paulista. De acordo com dados da prefeitura de São Paulo, a Tijuco Preto, também pode ser conhecido por Camargo Novo e está localizada na Avenida Córrego do Tijuco Preto. A ocupação desta região iniciou-se, segundo dados oficiais da prefeitura, em 01/01/1967.

Segundo os dados da prefeitura, a região surgiu com o desmembramento de uma fazenda e o loteamento de suas terras. No entanto, há conflitos nestas informações se compararmos os mesmos dados segundo os próprios moradores. Segundo moradores, a favela sempre foi esquecida pelas autoridades públicas; desde o início de sua ocupação até os dias atuais os moradores da região sofrem com o descaso das autoridades públicas.

“Eles quase nunca vem aqui e quando aparece é unicamente para pedir votos. O governo deixou isso sem nenhuma preocupação com os moradores. É uma falta de respeito, não tem água, o caminhão do lixo não desce, é desumano⁵”.

A favela é composta majoritariamente por moradores migrantes que buscaram em São Paulo melhores condições de vida, com baixa ou nenhuma escolarização, homens e mulheres que largaram mão dos estudos em troca do trabalho. Seus filhos, em muitos casos deixaram a escola por necessidades de auxiliarem na renda familiar, ao mesmo tempo em que desmotivados com a falta de qualidade da educação e estímulo para continuarem os estudos, largaram mão da escola.

“Os malucos lá do bairro
Já falava de revolver, droga, carro.
Pela janela da classe eu olhava lá fora
a rua me atraía mais do que a escola”

(Racionais Mc's, 1997)

A favela dispõe de uma escola Estadual⁶ e uma Fundação Casa⁷; não há nenhum espaço destinado para lazer⁸, cultura ou esporte; os moradores buscam improvisar meios alternativos de lazer, esporte e sociabilidade nas ruas da favela e buscam nos bares e nas Igrejas Pentecostais mecanismos de superação com as dificuldades encontradas no cotidiano.

Em um levantamento realizado no Tijuco Preto, foi possível constatar o papel significativo das igrejas e dos bares no dia a dia da favela. Os bares oferecem satisfação momentânea através da construção de redes de sociabilidade. Estes locais são majoritariamente masculinos, com excessivo consumo de álcool e drogas. Disputas de poder são travadas nos interiores dos bares e é comum brigas de casais, acertos de conta e até mesmo homicídios.

As casas

“Equilibrado num barranco incômodo,
mal acabado e sujo, porém, seu único lar,
seu bem e seu refúgio.
Um cheiro horrível de esgoto no quintal,
por cima ou por baixo,
se chover será fatal.
Um pedaço do inferno aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou”.

(Racionais Mc's, 1994)

O excerto da letra do grupo de RAP Racionais Mc's é um retrato fiel das condições de moradia dos moradores da favela do Tijuco Preto. Como a favela se encontra nas margens de um córrego e é comum identificarmos o “cheiro horrível de esgoto nos quintais” das casas. O córrego não é tratado e não há rede de esgoto suficiente, os moradores não dispõem de um serviço regular de coleta de lixo e o córrego não é canalizado.

A população não recebe nenhum tipo de serviço de orientação para o tratamento da rede de esgoto. É comum os moradores arremessarem lixo de suas casas direto para o rio. Em dias de chuva, a situação piora, pois, os riscos de contaminação de doenças são consideráveis. Em nenhum momento da pesquisa de campo, constatei equipes da prefeitura realizando limpeza do córrego, tampouco registrei a coleta de lixo.

Alguns entrevistados desta pesquisa me informaram que a coleta de lixo é realizada somente na entrada da favela, não há entrada de caminhões de coleta de lixo na favela e os moradores que não conseguem carregar o lixo de suas casas até o ponto de passagem dos caminhões da prefeitura são obrigados a dispensar no próprio córrego. Neste cenário de esquecimento, negligência e abandono os indivíduos buscam os seus próprios meios de organização. As leis federais são substituídas pela “*lei do silêncio, a lei do cão talvez*” (Racionais Mc's, 1994) e as relações de poder são determinadas pelas leis ditadas pelo PCC-Primeiro Comando da Capital.

A inserção do PCC no espaço social

O Surgimento do PCC

O Primeiro Comando da Capital - que a partir de agora será conhecido somente por suas siglas PCC ou por Partido – tem as suas origens confusas, alguns apontam o ano de 1989 na antiga Casa de Detenção de São Paulo, outros o ano de 1991 em Araraquara, mas a versão mais utilizada pelos estudiosos (JOSINO, 2004) do PCC utiliza o ano de 1993 como data fundacional. O episódio marcante foi uma partida de futebol no Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté entre o Comando Caipira e o Comando da Capital.

As rivalidades e as disputas do jogo terminaram com a morte de dois membros do Comando Caipira por representantes do Comando da Capital; sabendo das severas punições consequentes das mortes, os representantes do Comando da Capital firmam um

pacto no qual as possíveis punições aplicadas a qualquer membro do Comando seria fonte de rebeldia e reação de todos os demais membros (BIONDI, 2010).

Neste cenário de disputas de poder entre os detentos e as punições impostas pelos agentes penitenciários surge o PCC, primeiramente buscando ser um elemento organizacional dos presos em defesa de seus direitos e contra as práticas de abuso de poder dos responsáveis pela manutenção das penitenciárias. Imbuídos inicialmente pelos lemas de Paz, Justiça e Liberdade, os integrantes do PCC são responsáveis por uma profunda transformação no cotidiano dos presos e das penitenciárias. Houve a elaboração de um Estatuto e buscava-se principalmente o fim dos maus tratos, melhores condições carcerárias, o fim de estupros entre os presos, e de mortes banais. (BIONDI, 2010)

Em um primeiro momento, as ações e práticas do PCC concentraram-se no interior das penitenciárias e casas de detenção, mas com a necessidade de manutenção dos ideais do Partido, iniciaram-se as ações para além dos muros das detenções. Os presos filiados ao Partido, ao alcançarem a liberdade precisavam criar mecanismos de sustentação do Partido. Neste cenário verificamos uma reordenação nas práticas criminosas, os roubos a bancos, cargas e sequestros são os principais crimes praticados pelos membros do PCC que estão fora das penitenciárias e casas de detenção. Estes crimes oferecem vantagens econômicas e são responsáveis por equilibrar as despesas do Partido e prestar auxílio jurídico aos presos e assistência as famílias dos membros do Partido.

Em entrevista realizada durante a pesquisa de campo perguntei ao entrevistado Anderson sobre a dinâmica do PCC e quais são os mecanismos utilizados para a manutenção do Partido?

Anderson⁹: “Existe uma mensalidade que deve ser paga, para os irmão que estão presos é um valor, mas para os irmão que estão na rua é outra pegada. É um valor mais alto. Esse dinheiro é recolhido pelos caixinhas que manda pro general. Ai esse dinheiro é distribuído pros irmão que estão presos e para as famílias que precisam de uma assistência”.

Existem dois mundos de atuação do PCC com práticas absolutamente distintas. No mundo carcerário há práticas e condutas que destoam das ações dos indivíduos filiados ao Partido que estão nas ruas. É justamente a partir da realidade das ações do PCC nas ruas que focalizo a minha pesquisa. Sei que existe outra realidade do Partido muito ampla no

interior dos presídios e casas de detenção; este outro universo já foi explorado por (BIONDI, 2009) (DIAS, 2011), (JOSINO, 2004) e (SOUZA, 2007) e outros autores.

Minhas indagações concentram-se nas práticas e ações do PCC na favela do Tijuco Pretos no extremo leste de São Paulo. Quais são as relações de poder estabelecidas neste ambiente? Quais são os critérios de adesão ao PCC para indivíduos que estão nas ruas? Como funciona o ritual de batismo para novos membros e o pagamento de mensalidades para sustentação do Partido? Como o PCC se organiza nos lugares em que se instala? Como o PCC se relaciona com os moradores destes bairros e qual a relação entre os membros do PCC com as igrejas pentecostais?

Embora minha pesquisa de campo tenha sido realizada no Tijuco Preto, o foco deste capítulo não é o Tijuco em si, mas sim o PCC. O Tijuco Preto é um dos diversos cenários de atuação do Partido, independentemente de onde o Partido atue, as suas ações são semelhantes. Neste caso, quero minimizar a importância do Tijuco e de seus atores, pelo contrário, a partir do Tijuco consegui compreender que existe uma ampla rede de ações e atuações do PCC que são semelhantes em todos os ambientes de instalação do Partido.

Foi a partir do Tijuco e de seus atores que pude ser provocado para a complexidade das relações travadas entre moradores e os integrantes do Partido, foi a partir da realidade do Tijuco que fui instigado a estudar as ações das igrejas pentecostais e as relações simbióticas dos conversos com o PCC. Sou profundamente grato aos moradores que me permitiram entrar e conviver em suas diversas realidades. Por questão de segurança, todos os nomes serão trocados.

A dinâmica da vida e a dinâmica do crime

No ano de 2006, as eleições para o governo do Estado de São Paulo se aproximavam, quando no segundo domingo do mês de maio uma série de ataques a policiais militares, bombeiros, delegacias, bases policiais e incêndios a ônibus colocaram o PCC em evidência nacional; as discussões sobre a violência e o sistema carcerário se multiplicavam em canais de televisão, rádios, sites de internet e páginas de revistas tanto nacionais como internacionais.

O jornal Folha de São Paulo, um dos principais grupos de comunicação do Estado de São Paulo em sua página de internet atualizava os leitores a respeito das ações do PCC. Repórteres do Brasil e de vários países do mundo buscavam informar e compreender o que de fato ocorria.

Ataques simultâneos pipocaram em diversos pontos da cidade e o maior centro econômico do país ficou em estado de caos, as ruas esvaziaram-se, escolas e Universidades cancelaram as atividades; a PUC-SP – uma das principais universidades do Estado - cancelou as atividades acadêmicas e administrativas no campus São Paulo. Através de nota a reitoria justificou o cancelamento das atividades acadêmicas e administrativas por falta de segurança¹⁰. Sistemas de entregas de redes de alimentação interromperam os serviços¹¹, e o estado de caos tomava conta da cidade. Os “shoppings Iguatemi, Frei Caneca, Continental, Pátio Higienópolis e Market Place não abriram na segunda feira dia 15/05/2006. As lojas do Interlagos shopping estão fechadas, mas as dependências do shopping funcionam normalmente¹².”

Mas afinal, o que de fato ocorreu naquele mês de maio? Quem ordenou os ataques? Quais eram os seus reais objetivos?

O jornal alemão "Der Spiegel" sustentava a idéia de uma tomada de poder por parte de criminosos.¹³ Segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, a onda de ataques simultâneos ocorrerem em consequência da transferência das principais lideranças do PCC para presídios de segurança máxima. Como resposta às ações do Estado de São Paulo, membros do PCC iniciaram os ataques. “*Segundo balanço divulgado terça-feira (16/05/2006) pelo governo do Estado, foram 251 ataques em diferentes pontos do Estado. No total, 115 suspeitos foram presos e outros 71 foram mortos em supostos confrontos*”.¹⁴

No que tange ao número de mortos, os dados são aterrorizantes.

“Ainda segundo o balanço parcial, as ações contra as forças de segurança causaram 44 mortes --23 policiais militares, seis policiais civis, três guardas municipais, oito agentes de segurança penitenciária, e quatro civis, entre eles a namorada de um policial. Ficaram feridos 22 PMs, seis policiais civis, oito guardas municipais, um agente penitenciário e 16 cidadãos”¹⁵.

Os ataques de 2006 apresentaram o significativo poder de organização do PCC e de seus membros, a agilidade do sistema de comunicação e a unidade dos membros em torno de mensagens dos líderes. Os eventos de 2006 deram visibilidade nacional e internacional ao PCC, a grande mídia reservou grandes espaços em suas grades horárias para debater o tema e logo, o Partido se fez conhecido.

Em um primeiro momento, a Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo buscou apresentar o PCC como um mal a ser superado e eliminado. Segundo o diretor do DEIC Godofredo Bittencourt - ao justificar a transferência dos integrantes do PCC para os presídios de segurança máxima: *“O PCC é uma organização falida. Não posso dizer que está morta, porque é uma sigla forte, é como um câncer fica sempre um pontinho. Mas é um câncer controlado, que vamos, com paciência, extirpar”* (SOUZA, 2007, 226).

Não busco neste trabalho realizar um quadro histórico da megarrebelião de 2006, mas sim, a partir deste evento compreender a inserção do PCC dentro das favelas e bairros pobres de São Paulo; busco apresentar as relações dos moradores da favela do Tijuco Pretos e com os integrantes do Partido e com as igrejas pentecostais.

As previsões de Godofredo Bittencourt eram falhas, diferentemente de seus apontamentos, atualmente o PCC faz parte do cenário e da realidade de São Paulo. Este “câncer” segundo o diretor do DEIC não foi extirpado, tampouco controlado. A única certeza de Godofredo Bittencourt apresentada em seu argumento que se mantém firme, muito mais do que queria e podia imaginar é que *“O PCC é uma sigla forte”*.

A força da Sigla PCC advém justamente de sua interação no cenário do sistema carcerário e das favelas e bairros pobres de São Paulo. O modo como o Partido condensa os atritos e apresenta uma dinâmica de organização é determinante para a sua inserção nos espaços onde se faz presente.

As favelas e bairros controlados pelo PCC apresentam uma dinâmica própria, com leis próprias, relações de poder e controle, assistência e punições. Mas antes de compreender a dinâmica e funcionamento do PCC no Tijuco Preto iremos conhecer o interior do Partido, o ingresso, o batismo, a mensalidade, as leis e a conversão de membros do PCC as igrejas pentecostais.

O ingresso ao PCC

“Vida dura que não aceita falhas
e num vacilo seu
a sua vida pode estar acabada”.

(Alerta Vermelho, 2010)

O Primeiro Comando da Capital é uma das redes sociais mais ativas do Tijuco Preto, a organização do Partido e as regras estabelecidas por ele nas comunidades em que atua fazem parte de um jogo de relações e de contatos. Embora associado a um “mal a ser combatido” o PCC é uma realidade no Tijuco e se configura enquanto uma rede social, do mesmo modo como as outras tantas existentes.

O ingresso no PCC esta diretamente associado as observações das condutas dos futuros membros. É necessário que o candidato apresente uma vida de “proceder”¹⁶ (BIONDI,2010); em entrevista realizada para a minha pesquisa de campo com o Anderson ex-integrante do PCC em março de 2012 fui informado sobre as regras básicas do Partido.

Anderson: “O malandro tem que provar que tem proceder”.

O proceder é uma chave de leitura determinante para se compreender a vida do integrante do PCC.

O que é afinal o proceder?

Anderson: “O proceder é o comportamento que se espera do ladrão quem tem uma caminhada no mundo crime”

A partir da verificação deste primeiro critério (proceder) o “malandro” pode ser considerado primo, após um tempo na caminhada o primo é convidado a ser batizado enquanto irmão. O irmão é o membro filiado ao PCC que passa pelo processo de batismo. O batismo segue um rito de passagem, pois é um momento determinante para a futura caminhada do sujeito. Ao tornar-se irmão, o batizado assume todas as responsabilidades de sua nova caminhada. Segundo Anderson há um tempo o batismo era marcado por uma cerimônia que reunia vários batizados em um mesmo dia. De acordo o seu depoimento:

“Antigamente os irmãos fazia um churrasco no dia do batismo, o general¹⁷ mandava alugar um sítio, e fazia um churrascão para

comemorar o batismo. Hoje a coisa mudou o controle esta mais solto, não dá mais para fazer aquele batismo de antigamente. Até porque tem muito malandro que é batizado e nem é da correria, eles pagam a mensalidade, tem dinheiro e não fazem nenhum corre pelo Partido”.

Como era o batismo de antigamente, o que tinha que não tem mais hoje e por que mudou?

Anderson: “Antes tudo era diferente, o malandro tinha que provar que tem proceder, quando tinha batismo era um barato diferente, o malandro ficava esperando, sabia que naquele dia ele ia se tornar irmão, por isso, tinha que ter lealdade. O malandro tinha que jurar a lealdade com gota de sangue, jurava lealdade ao Partido, jurava lealdade ao seu irmão, jurava não cometer falha, ai colocava o sangue no papel e ai sim ele jurava seguir o Partido. Depois do juramente tinha uma churrascada, com mulherada para comemorar. Quando tem o batismo, todas as cadeias já sabiam de tudo, os irmãos de vários lugares já esta sabendo”.

Todo irmão primeiramente passa por um processo de avaliação, e antes de se tornar irmão (batizado) há a indicação de algum membro do Partido. O irmão que indica outro é conhecido como padrinho. O padrinho é responsável pela vida e a caminhada do indicado; ao indicar alguém para ser batizado o padrinho assume um compromisso pela vida deste sujeito, e caso o recém-ingresso de “mancada”¹⁸, o padrinho é convocado a prestar conta de seu indicado.

Este é o cenário do PCC, suas estruturas e mecanismos de organização são válidos tanto no interior das penitenciárias e casas de detenção como para “*os irmãos que estão no corre na rua*”¹⁹, as duas realidades (vida prisional e vida fora dos muros das cadeias) são gritantemente diferentes, pois os irmãos de fora assumem comportamentos que destoam da lógica do PCC.

Segundo Anderson:

“hoje esta muito diferente, é mais fácil entrar para o Partido, e muitos que são irmãos não sabem do corre dos irmãos que estão presos”

A saída do PCC

A saída depende muito do comportamento durante o período em que o individuo foi irmão. Para Anderson a saída:

“É de boa, se você não deu mancada, não deixou rastros, tem conceito, você sai de boa, os caras entregam rasgam o papel e sai de boa. Mas não pode se arrepender, pois o crime não é bagunçado”.

As Igrejas Pentecostais²⁰

Tenha fé, porque até no lixão nasce flor.
Ore por nós pastor, lembra da gente
No culto dessa noite, firmão segue em quente
Admiro os crente, da licença aqui (...)

(Racionais Mc's)

Assim como os bares ficam cheios, as igrejas costumam arrastar boa parte dos moradores do Tijuco nos dias de culto e nas atividades extras (ensaios dos grupos de jovens, ensaio das mulheres, grupos de orações, grupo de danças, ministérios infantis), ou seja, os dias de culto, não representam a totalidade da vida das igrejas.

Ao acompanharmos o cotidiano das igrejas percebemos que os dias de culto apresentam apenas uma parcela da totalidade das ações empreendidas por essas igrejas. São as atividades extra-cultos que dão vida às igrejas e aos moradores do Tijuco; as campanhas de família e sucesso financeiro, os ensaios da irmandade e dos grupos de mulheres, as orações das irmãs e os ensaios dos jovens, todos esses eventos ocorrem fora do horário dos cultos, e são eles os grandes responsáveis pela dinâmica da igreja.

São nestas atividades extras que conhecemos uma comunidade ativa, pessoas que buscam organizar no próprio Tijuco eventos e atividades que inexitem para aqueles que estão fora da Igreja. Neste caso, as atividades podem ser analisadas também como redes de proteção e de sociabilidade dos evangélicos pentecostais. Não podemos ignorar a ação das igrejas pentecostais em comunidades pobres, neste caso, observamos a ação das igrejas pentecostais na favela do Tijuco Preto.

As Igrejas exercem um papel de extrema influência no cotidiano dos moradores do Tijuco, os líderes (Pastores, Pastoras, Diáconos, Diaconisas) e os membros são responsáveis pelo estabelecimento de relações que chamam a atenção dos estudiosos, principalmente por um amplo processo simbiótico nas relações entre igreja e os adeptos do crime organizado/PCC.

A simbiose

A transição entre os diversos espaços sociais, principalmente entre o crime organizado/PCC e as igrejas pentecostais é uma característica típica do Tijuco Preto.

A historiografia sobre o pentecostalismo não concede espaço para relações simbióticas entre a conversão e crime organizado. Portanto, utilizarei o conceito de adesão religiosa como fundamento que sustenta o objeto formal desta análise. Busco compreender os significados dos atos da conversão/adesão ao pentecostalismo e as relações simbióticas dos conversos com o crime organizado – PCC, e sei o quanto isso é desafiante e complexo, mas o meu deslumbramento pelo Tijuco é fruto desse olhar das dinâmicas do cotidiano das igrejas pentecostais e do PCC e o trânsito constante entre os membros das diversas redes sociais.

Diferentemente das categorias tradicionais de conversão ao pentecostalismo – conversão = negação do mundo – as relações estabelecidas na favela do Tijuco Preto na Zona Leste de São Paulo são provas que vivenciamos um momento de rupturas ao universo da conversão. Durante muito tempo, a conversão ao pentecostalismo foi traduzida enquanto um sinônimo de mudança radical de comportamento, negação com os valores outrora vivenciados - o asceticismo intramundano na sociologia weberiana - as igrejas pentecostais exerciam um significativo controle social sobre as condutas dos novos conversos, mas este cenário vem sendo gradualmente substituído.

A partir de mudanças significativas no seio do pentecostalismo e com o surgimento de grupos denominados de neopentecostais, o indivíduo “evangélico” nas periferias passou por um significativo processo de mutação. O neopentecostalismo - vertente de uma fase do pentecostalismo - estabeleceu-se em regiões onde a luta pela vida esta muito mais associada a negociações entre as redes sociais que partilham o mesmo espaço social do que com rupturas em defesa das “operações e milagres do Senhor Jesus” e a negação do mundo.

O território do Tijuco Preto é um território de disputas e lutas diárias pela sobrevivência, manter-se vivo no Tijuco significa saber lidar com os diversos grupos que fazem parte do mesmo cenário social. É juntamente aqui que o pentecostalismo cruza com o PCC, mas não em embates e confrontos, mas sim em uma coexistência pacífica e duradoura.

Os conversos às igrejas pentecostais vivem em um ambiente onde outros cenários também existem; diferentemente das tradições clássicas que associam a conversão à ruptura e ao asceticismo intramundano, os “crentes” do Tijuco precisam lidar com disputas diárias. Ao saírem das igrejas estes indivíduos cruzam todos os espaços sociais existentes no Tijuco e certamente tem amigos e familiares que convivem nos demais espaços sociais,

nos bares, “na boca”, nas ruas, oferecem aspectos da sociabilidade existente no Tijuco, portanto, ser crente no Tijuco, significa saber realizar o trânsito entre os espaços sociais existentes.

A adesão ao pentecostalismo de indivíduos que “fizeram” parte do PCC não significa uma ruptura com os valores, linguagem e relações de convivência com aqueles que decidiram permanecer no Partido, estes indivíduos que aderem ao pentecostalismo, frequentam as igrejas, entregam os seus filhos nas atividades das igrejas pentecostais e conseguem transitar nos dois espaços sociais sem nenhum problema valorativo, essa é uma realidade e uma necessidade de quem reside no Tijuco.

Conviver no Tijuco é um desafio diário, onde a primeira regra é saber transitar entre os espaços sociais existentes. A negação de uma em detrimento de outra é menos frequente do que o trânsito entre as diversas redes sociais estabelecidas e é justamente este trânsito, somado a adesão ao pentecostalismo de indivíduos do PCC que materializa o objeto formal deste projeto de pesquisa. O trânsito entre as duas esferas (pentecostalismo e PCC) verificado no Tijuco Preto é justificado pelas diferentes redes sociais existentes em locais de periferia, e as necessidades da vida em ambientes como o Tijuco permitem os trânsitos entre as redes existentes.

As relações simbióticas entre pentecostais e membros do PCC são construídas a partir das dinâmicas de autonomia das igrejas pentecostais do Tijuco Preto; diferentemente das igrejas institucionalizadas e ligadas às diversas convenções existentes, as igrejas pentecostais permitem significativa liberdade nas relações cotidianas de seus membros. Por não estarem ligadas a convenções, e serem igrejas recém-fundadas, centradas no carisma do líder (Weber, 2010), estas igrejas não são institucionalizadas e esta é uma das razões determinantes para a ausência de controle moral e social de seus membros.

Sei que existe um grande caminho a ser percorrido; minha pesquisa de mestrado visa lançar luz sobre esta realidade muito pouco estudada entre os estudiosos do pentecostalismo; não pretendo resolver os problemas teóricos existentes. A realidade do Tijuco Preto pode ser semelhante ou antagônica a outras localidades, mas é uma realidade que precisa ser investigada.

Notas

¹ Este texto faz parte do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado realizada junto ao Programa de Ciências da Religião da PUC-SP, sob orientação do Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur. A pesquisa ainda está em andamento e as observações realizadas neste texto são preliminares.

² Mestrando em Ciências da Religião pela PUC-SP.

³ Informações obtidas do site da Prefeitura de São Paulo, acessado em 15/08/2011.

⁴ IDEM.

⁵ Entrevista de Dona Dalva, uma das primeiras moradoras do Tijuco Preto.

⁶ Escola Estadual Soldado Éder Bernardes dos Santos.

⁷ Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação Casa), também conhecida pelo antigo nome FEBEM (fundação de Bem Estar do Menor).

⁸ A quadra da Escola Estadual Soldado Éder Bernardes dos Santos é invadida por moradores que pulam os muros com o objetivo de jogarem futebol durante o final de semana.

⁹ Por motivo de segurança e sigilo, os nomes dos entrevistados foram alterados. Entrevista realizada em março de 2012.

¹⁰ Em nota a reitoria da PUC-SP informa os alunos e a comunidade o cancelamento das atividades. "Em virtude da situação de insegurança generalizada na cidade, que implica em risco para a população de estudantes, funcionários e professores". Segundo a PUC-SP, a volta às atividades será informada no site da instituição (www.pucsp.br) e por mensagem eletrônica. Folha online, 15/05/2005

¹¹ O sistema de entrega do Mc Donald's foi cancelado na segunda feira dia 15/05/2005 e normalizado somente no dia seguinte. FONTE. Folha de São online acessado as 19h40

¹² Folha de São Paulo editado no dia 19/05/2006 com o título: **Onda de violência fecha ao menos seis shoppings em SP**

¹³ Texto assinado pelo correspondente Marcelo Crescenti da BBC em Frankfurt. Folha de São Paulo no dia 02/10/2006 com o título: Revista alemã classifica São Paulo como "laboratório da violência"

¹⁴ Folha Online, 17/05/2006.

¹⁵ IDEM.

¹⁶ Para ser aceito no PCC é indispensável uma caminhada com proceder, ou seja, uma vida com coerência aos princípios na caminhada do crime. O candidato precisa ser articulado, correto, humilde, apresente um ímpeto de liderança e respeito às condutas da "bandidagem".

¹⁷ Posto elevado na hierarquia do PCC, muitos estudiosos acreditam que o estilo de organização rigidamente piramidal, não cabe mais ao PCC. Essa suspeita se sustentou em alguns momentos em minhas entrevistas, pois o entrevistado Anderson em muitos momentos sustenta a mudança na organização do Partido.

¹⁸ O mesmo que falha, erro, não cumprimento das normas que regem o Partido.

¹⁹ Filiados ao PCC que estão em liberdade ou fugiram do sistema prisional.

²⁰ Estou elaborando um levantamento do número de Igrejas instaladas no Tijuco Preto, minha pesquisa de campo prevê uma caracterização religiosa da Tijuco Preto

Referências bibliográficas

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

AMORIM, Carlos. *Assalto ao Poder*, Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____ *CV – PCC: a irmandade do crime*, Rio de Janeiro, 2011.

BIONDI, Karina. *Junto e Misturado: Uma etnografia do PCC*.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte americanas do pentecostalismo brasileiro*. Revista USP.

CESAR, Waldo e SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das Igrejas cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. “Por dentro (e de dentro) do Comando: O PCC segundo o ‘nativo’”. Resenha de *Junto e Misturado: uma etnografia do PCC*, de Karina Biondi”. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, n.8, v.3, abr-jun. 2010, p. 159-172.

_____. *Da pulverização ao monopólio da violência: Expressão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista*. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito. Os Pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996.

HERVIEU-LÉRGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Atores Associados, São Paulo: ANPOCS, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedacço*. Cultura popular, e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: Corpos, subjetividade e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MARTINS, José de Souza. A música sertaneja: dissimulação na linguagem dos humilhados. In: _____. *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975.

MENDONÇA. Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócopio. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MIJOLLA- Mellor, Sofhie de: *A necessidade de crer*. São Paulo: Unimarco, 2004.

MOASSAB, *Brasil Periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*. São Paulo: EDUC, 2011.

OLIVA, Margarida. *O diabo no “Reino de Deus”*: por que proliferam as seitas? São Paulo: Musa Editoras, 1997.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: Por que mais de oito milhões de negros são pentecostais*. São Paulo, mundo cristão, 2004.

ORO, Ari Pedro. *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORO, Ari Pedro; et alli (org.). *Igreja Universal do Reino de Deus – Os novos conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PERMAN, Janice E. *O Mito da Marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

SIQUEIRA, Vania Conselheiro. *Vidas abandonadas: crime, violência e prisão*. São Paulo: Educ: FAPESP, 2011.

SOUZA, Beatriz M. *A experiência da salvação: Pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua*. In Estudos de Religião. São Bernardo do Campo: Umesp, Ano XV, nº 20, junho de 2001.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

_____. *Sociologia das Religiões*. São Paulo, Ícone, 2010.

WHYTE, William Foote. *Sociedade da Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

ZALUAR, Alba. *Oito temas para debate: Violência e segurança pública*. IN: *Sociologia, Problemas e Práticas*. Nº38, 2002.

_____. *Cem anos de favela* (co-org. com Marcos Alvito). Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1998 b.

_____. "A criminalização de drogas e o reencantamento do mal". *Revista do Rio de Janeiro – Uerj*, v. I, fasc. 1, 1993a.

_____. *Integração perversa: Pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Referencias musicais

Fim de Semana no Parque. Racionais Mc's. *Fim de Semana no Parque*. RDS Gravadora, 1994.

Tô ouvindo alguém me chamar. Racionais Mc's. *Sobrevivendo no inferno*. Casa Nostra Gravadora, 1997.

Negro Drama. Racionais Mc's. *1000 trutas, 1000 tretas*. Casa Nostra Gravadora, 2006.

O Homem na estrada. Racionais Mc's. *Fim de Semana no Parque*. RDS Gravadora, 1994.

Vida Dura. (ao vivo) Alerta Vermelho. *Kairós*. W.S.G Studio, 2010.